

POEMAS PARA ELA

IVAN MIZIARA

**São Paulo
2006
BMGV Software Net Editora Ltda**

PONTA DA PRAIA

para ela (com vista para o Dois Irmãos)

Alta madrugada e coloco em ordem os papéis na gaveta,
recolho as fotos que sobraram
recorto cartas de amor
e ódio.

Minhas certezas são tão incertas
e as palavras não conseguem dizer
o que delas se espera.

Meus lábios são sólidos e instáveis como a rocha
suspensa sobre nossos jardins.

Sabe, nunca mais te fiz versos
à beira-mar no Arpoador -
o sol rasante sobre as ondas
algumas gaivotas ao amanhecer
cercando as ilhas Cagarras
escritos com tinta azul-lavável
em guardanapos de papel crepon.

Nunca mais te fiz versos
que falassem de amor
ou ódio
como quem busca o fio da meada
para a vida.

A poesia para mim terminou
na noite passada.

Hoje, apenas ouço a voz do vento
sussurrada entre os coqueiros.

Ouçõ a voz estridente dos motores,
lembrando que o dia recomeçou,
a voz dos pássaros
em busca de paz
para seu vô entre as nuvens azuis no sol-nascente,

todas essas vozes
ensurdecadoras em seu silêncio,

toda essa algaravia de cores
confundindo a vista do Cristo
que ora por nós,
todas essas vozes
não quero ouvi-las, não quero vê-las,
não quero ouvi-las nunca mais,
 não quero vê-las nunca mais
 à beira desse precipício
à beira desse rochedo onde explodem as ondas
e minha alma se torna mais branca.

Nunca mais te fiz versos, repito,
ao amanhecer,
enquanto recolho as fotos esmaecidas e
nelas recorto flores amareladas
que mais lembram a luz pálida
desse mesmo dourado amanhecer.

PELA JANELA

também para ela

Quando o amor tirou férias
minhas pernas tremeram.
Como as luzes
piscando no out-door
em frente à janela do quarto.
Há uma agulha espetada
sobre a almofada do sofá
no apartamento vizinho.
Um aviso aos incautos:
não se deixe levar pelos sentimentos
dessa cigana traiçoeira.
Repare
como minhas garras
afiadas
subitamente impotentes
não apreendem mais teu coração.
Assemelha-se ao semáforo quebrado na esquina
provocando
um terrível acidente.

RETRATO

ainda para ela

A toda hora procuro tua pose
assim de lado, quase de perfil
mas com rabo de olho irônico.
Tenho as mãos cheias de coisas inúteis.
Uma vela, um chaveiro com chaves douradas
que não servem em todas as portas.
Nesse instante solene, estirado no leito,
mãos postas sobre o peito,
olho fixamente o ventilador no teto.
(Faço um retrospecto rápido dos últimos tempos: pagamentos,
ecocardiograma, a última briga, cerveja
e tacos na Vila Madalena, uma carta de despedida,
a tarde vendo o pôr do sol na Praça do Pôr do Sol).
Pensar é pescar imagens à beira do lago. Um desenho
que morre na areia.
Nessa hora acabo encontrando diamantes
perdidos em meu cérebro.
Um insight para o futuro romance inacabado.
Um dirigível sobrevoando os céus de SP.
O túmulo de minha mãe no Caju em RJ. Six feet under.
Uma canção de amor bem cafona, dos olhos brota.
Ainda ontem, quando te vi deitada,
desde que Ela me contou do fim dos dias.

EM DEZEMBRO

mais uma vez para ela

Ano Novo. Estou preparado.
Todo de branco feito um lírio.
(Eu que odeio o branco,
e prefiro o vermelho
de sangue.)
Não disse nada, meu amor.
Se algo falei, foi sem pensar.
Houve um tempo em que eu pesava
as palavras, colocava as propostas
lado a lado, os contratos,
as petições, os laudos.
Hoje resolvi que tudo vai ser diferente.
Vou trocar a marca de cigarros
e parar de brigar com Sartre.
Se o céu pode ser azul
então podemos acreditar nos sonhos perfeitos,
naquela trepada na beira da praia.
Tudo vai ser diferente.
Se não for, te (me) mato.

DIÁRIO DE BORDO

ainda para ela

Tempestade marítima.
As velas e os mastros rangem
sobre as costas dos grumetes.
Pétalas que despencam dos olhos
e beijos que roubei
ao pé da escada,
na sala escura.
Ser o Falcão
do Mar,
o eterno Errol Flyn
dos cartazes do cine Rio Preto.
Enfrentar as vagas do mar azul-marinho,
demoníaco, de almas que não tocaram
as barbas de Netuno e vagam
procurando outros corpos para abraçar
e arrastar ao fundo.
O cachimbo do capitão não se apaga
(nem sob a água)
e isso me intriga.
Da mesa instável da cabine
escrevo
sempre com tinta azul lavável
as palavras finais.
Ela dormiu em meus braços
nua
sem saber do naufrágio.

POR AMOR

ela

Contraditoriamente instada
por uma raiva misto
de cinismo e melancolia,
num dia de sol ardente
e vento frio,
de modo quase perverso:
- Vou dormir com ele,
mas não se preocupe,
pelo resto da vida,
como uma ostra, serei
tua, entranhada em tua
alma, minha boca
lançando uivos de prazer
à janela do quarto
andar.

Fica comigo,
só mais uma vez.

MÉTODO DE ADIVINHAÇÃO

por ela

Puto da vida.
Não quero mais saber
de poesia,
de ser terno e apaixonado.
Serei avaro
comigo e com os teus
sentimentos escusos.
Não espero saber
“do teu corpo, o mel
que experimentei
era verdadeiro?”
É inútil pensar
com palavras, assim
como tentar adivinhar o futuro.
Ficamos acertados
dessa maneira
e tua língua se dobrará
sobre meu ventre.
Meu indecente amor.

A concha

“Chaque coquillage incrusté
Dans la grotte où nous nous aimâmes
A sa particularité.”

- Paul Verlaine

Da concha
rubra
retiro
fluida
alva
tuas líquidas
sementes
que trago
entredentes

Na concha
rubra
mergulho
com a ponta
do arpão
que perturba
e escuta
teu íntimo
rumor

Na concha
rubra
busco
a pérola
úmida
ardente
que me faz
ser
quem sou

POEMA

Se puderes, oferta-me uma rosa
Ou uma lágrima, daquelas
Esculpida em noites solitárias.
Se puderes, toma-me as mãos
E faze com que tenham
A limpidez de umas águas
Que jamais molharam lábios.
Se puderes, oferta-me
A brancura da espuma,
As ondas que te enlaçaram a cintura
Quando tua boca tocou a minha.
(Se puderes, ama-me
Como se fim não tivesse a vida.)
Se puderes, oferta-me esta noite
Apagada, sem estrelas,
O ruído de uns carros,
O latido de cães na madrugada.
Oferta-me o sol
Ardendo entre árvores,
Uma xícara de café amargo,
Um naco de pão amanhecido,
Ou apenas um sorriso.
Se for janeiro no calendário
Podes me ofertar um pedaço
De esperança e um certo medo.
Lembra-te que nem tudo
Será como antes.
Uma carta sem palavras,
Um disco, um cinzeiro
Sobre a mesa, alguns cigarros,
A porta fechada, oferta-me,
Pois é tudo de ti
Que poderei guardar.

- SONETOS DA TRAIÇÃO E SEPARAÇÃO -

1.

Porquanto o bem que me fizeste
(de bonança tivemos nosso tempo)
foi bom ter teu corpo e, tormento,
possuir o amor que me perdeste.

Fato, as noites loucas que me deste,
e não sonho, filho do pensamento,
enlouqueci-me (a razão ao vento)
ao ouvir as palavras que disseste:

“Tu do meu amor tiraste proveito
e dele fizeste só tua vontade,
não devias por tão pouco me trair

ao mundo expor este teu vil defeito
(o macho vício da infidelidade)
e, entre lágrimas, obrigar-me a partir.”

2.

Amor meu, hoje só sei que tanto errei,
mas o perdão é dom da alma, virtude,
como, da noite, a Lua e a negritude,
e como, do dia, o imenso Astro-rei.

Amor meu, lembra as noites que enfrentei,
os versos que, só por teu calor, pude
cantar em doces canções ao alaúde.
Saiba que sem teu carinho morrerei.

“Pois quero que saibas: a lealdade
não pertence só ao nobre vencedor.
É sinal de força e boa vontade

ser leal a quem perde sem favor.
É fraqueza humana a virilidade
que tanto preza a carne e não o Amor.”

3.

Perdão, volto a insistir. É puro
este meu amor, para sempre intocado.
De prazer, de beijos, fui excomungado
por ser a tua Alma o que só procuro.

Se pensares bem, estou tão seguro
que irás reverter a sina, meu fado
injusto, cruel e tão malogrado,
clareando meu coração escuro.

“Não chamo fado, tão apenas cinismo
o fato de com outra te deitares
fosses livre como as flores de junho

e, só para saciar teu egoísmo,
o meu tolo perdão te vir buscares,
fosse eu louca para dá-lo de punho.”

4.

Que sejas louca e branda e piedosa,
que sejas pura e de tão nobre gesto
e que reconheças meu amor honesto.
Esquece a tua vingança furiosa,

o espinho do ódio não enfeita a rosa,
só apaga o brilho do sol e de resto
deixa o lume estelar mais modesto,
enquanto amar te faz bela e graciosa.

“Não tem o amor outra face que não
o ódio, quando a paga de tão bem-querer
é a perfídia, o logro, a traição.

Se embelezar-me é deixar a vingança
de lado, submeter-me ao teu poder,
melhor enfear-me sem esperança.”

5.

“Não desejo as histórias
que mentistes, de surpresa,
para me dar vil alegria.
Alegrai-me com a tristeza

desde que verdadeira,
pois passa como a vida
e a saudade derradeira.
Pensais nisso: há quem diga

que a verdade também não
tem tão amargo sabor,
porque não se vive de ilusão

(tampouco se morre de dor).
Sede sincero, e, além do perdão,
tereis também o meu amor.”

